

# O rizoma

## Conceito, definições e aplicações como metodologia de análise em Comunicação e Cultura

The rhizome: concept, definitions, and applications as an analysis methodology in communication and culture

### Resumo

Este artigo tem como objetivo explicitar o conceito de rizoma proposto por Deleuze e Guattari. A partir da obra *Mil platôs* (1995), abordamos o conceito mencionado, suas propriedades e princípios. Para tanto, destacamos primeiramente a importância da elaboração de conceitos na filosofia, conforme esses autores, e em seguida, discutimos o conceito de rizoma e os seus desdobramentos. Termo extraído da botânica, o rizoma é um tipo de raiz sem um caule central, que se espalha e se ramifica, podendo gerar segmentos equivalentes, igualmente capazes de se conectarem a qualquer outro. Transposto para o contexto dos media contemporâneos, e dada a sua natureza múltipla e acêntrica, capaz de conectar as mais diversas esferas, como tecnologia, cultura e sociedade, este conceito pode ser aplicado como metodologia para análise de diversos processos e produtos culturais e comunicacionais, os quais apresentamos como exemplo: os mapas das mediações de Jesús Martín-Barbero, abordados por Lopes (2018); o rizoma como estratégia de leitura hipertextual, segundo Santis (2020); e o rizoma como metodologia de mapeamento mediático e social de acontecimentos, de acordo com Frigo (2019). O rizoma se revela particularmente importante na contemporaneidade digital por descrever conceitualmente formas de leitura não lineares, tradicionais de meios hipertextuais como a *world wide web*, assim como se mostra relevante para as pesquisas no campo da comunicação e cultura por apontar caminhos múltiplos para a produção de significados, em especial na complexidade das sociedades e dos media digitais atuais.

This article aims to explain the concept of rhizome proposed by Deleuze and Guattari. We approach the mentioned concept, its properties and principles from the book *Mil platôs* (1995). To do so, we first highlight the importance of the elaboration of concepts in philosophy, according to these authors, and then we discuss the concept of rhizome and its developments. A term extracted from Botany, the rhizome is a type of root without a central stem, which spreads and branches out, being able to generate equivalent segments, equally capable of connecting to any other. Transposed to the context of contemporary media, and given its multiple and acentric nature, capable of connecting the most diverse spheres, such as technology, culture and society, this concept can be applied as a methodology for analyzing various cultural and communication processes and products, which we present as an example: the maps of mediations by Jesús Martín-Barbero, addressed by Lopes (2018); the rhizome as a hypertextual reading strategy, according to Santis (2020); and the rhizome as a methodology for media and social mapping of events, according to Frigo (2019). The rhizome proves to be particularly important in the digital contemporaneity for conceptually describing non-linear forms of reading, traditional in hypertext media such as the world wide web, as well as being relevant for research in the field of Communication and Culture for pointing out multiple paths to produce meanings, especially in the complexity of today's societies and digital media.

### Palavras-chave

Comunicação • Filosofia • Rizoma • Deleuze • Guattari

Communication • Philosophy • Rhizome • Deleuze • Guattari

João Paulo de Carvalho dos Reis e Cunha  
joaopcrc@gmail.com  
Universidade de Sorocaba (Uniso)  
ORCID iD 0000-0003-4467-7438

Artigo recebido em 2023-01-09  
Artigo aceite em 2023-02-28  
Artigo publicado em 2023-02-28

## 1. Introdução

O avanço da tecnologia digital e a expansão da internet, à qual temos acesso constante através de inúmeros dispositivos (*smartphones*, tablets, computadores, *smart TVs*), colocaram à disposição uma multiplicidade de fontes de informações que requerem novas estratégias e metodologias de leitura, pois o consumo dessas informações dá-se de forma diversa da que ocorria em outros meios de comunicação tradicionais (textuais ou imagéticos). Diferentemente do livro ou do cinema, baseados numa lógica linear e sequencial, a leitura na internet se apoia num modelo hipertextual, em que as informações se conectam a outras através de hiperligações, permitindo ao utilizador “saltar” entre sítios *web* e conteúdos de forma múltipla e acêntrica, criando um fluxo próprio e, possivelmente, rompendo com os modelos estruturais de leitura. De maneira semelhante, o consumo de imagens estáticas e em movimento mostra-se também fragmentado entre os diversos dispositivos tecnológicos de que dispomos, criando incalculáveis linhas de conexão e produção de significados entre elas.

Essa é uma das características da cultura contemporânea: acêntrica, hipermediática. Segundo Jenkins (2009), “graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares” (p. 51). Nesse contexto, os media tradicionais coexistem e convergem com os novos meios digitais de formas cada vez mais complexas, num processo de convergência não só de ordem tecnológica, mas também cultural, em termos de produção e consumo mediáticos. Jenkins (2009) complementa: “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (p. 32).

A partir dessa afirmação, depreendemos que tal multiplicidade de informações se articula numa estrutura rizomática, segundo conceito de Deleuze e Guattari. Vale destacar, conforme esses autores, que “o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos

e tubérculos” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 14). O rizoma, termo extraído da botânica, é um tipo de raiz sem um caule central, que se espalha e se ramifica, podendo gerar segmentos equivalentes, igualmente capazes de se conectarem a qualquer outro e gerar frutos. Transposto para o contexto dos media contemporâneos, tal conceito mostra que “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 14).

Os autores descrevem o rizoma em oposição a outros dois modelos de organização centralizados, estruturados e gerativos: o primeiro seria o de árvore-raiz, no qual um tronco central uno dá origem a uma multiplicidade através de um processo dicotômico, em que um se torna dois, que se tornam quatro, e assim sucessivamente, mas todos originados e ligados à mesma fonte geradora central. Este modelo representaria a forma de pensamento mais clássico e estruturante, baseado numa lógica binária e significante de sujeitos e objetos. O segundo modelo seria o de raiz fasciculada ou radícula, capaz de gerar e fazer proliferar séries significativas múltiplas, as quais eventualmente podem se sobrepor e interpenetrar. Porém, este ainda representaria uma forma de pensamento que não abdica de um pivô central, pois apresenta uma unidade de totalização, restringindo a expansão das séries a ciclos: “Toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 13). Nesse sentido, o rizoma seria uma ruptura com modelos lineares e totalizantes, uma vez que não apresenta um eixo central, podendo assim conectar os seus pontos a outros pontos quaisquer.

Enfim, os autores sintetizam o potencial do rizoma em se multiplicar e criar conexões:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”

Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (Deleuze & Guattari, 1995, p. 36).

Diante do cenário atual, o conceito de rizoma adquire expressiva relevância, dada a natureza múltipla e fragmentária da comunicação contemporânea. Tal conceito pode fornecer subsídios para buscar linhas de conexões, caminhos e estratégias de leitura não lineares entre os media, dispositivos e linguagens, assim como a maneira como eles engendram conexões com outras esferas culturais e sociais. Com isso, delinea-se o objetivo geral de contribuir com reflexões sobre estratégias de análise de processos e produtos culturais e comunicacionais, bem como o objetivo específico de explicitar definições, fundamentos e propriedades do rizoma na perspectiva dos autores mencionados.

Contudo, antes de discutirmos especificamente o conceito de rizoma, vamos explicitar, a seguir, a importância da elaboração de conceitos dentro da filosofia deleuzeana, a qual, como veremos, já apresenta no seu fundamento uma lógica rizomática.

## 2. A filosofia e a construção de conceitos

Para Deleuze, a filosofia é a disciplina da criação e de exercício de pensamento. Porém, não considera o pensamento como um domínio exclusivo da filosofia, pois ele está contido nas práticas de outras esferas, como as artes e as ciências. Dessa forma, artistas, cientistas e outros dedicados às formas de saber, tanto quanto os filósofos, são também pensadores.

Sendo o pensamento a matéria básica para diversos domínios, é frequente que a filosofia de Deleuze se aproxime e entre em consonância com ideias advindas de outros saberes. Contudo, Machado (2010) afirma a respeito da prática do pensador francês:

quando sua filosofia se põe em relação intrínseca com saberes de outros domínios – com outros modos de expressão –, o objetivo não é fundá-los, justificá-los

ou legitimá-los, mas estabelecer conexões ou ressonâncias de um domínio a outro a partir da questão central que orienta suas investigações: “o que significa pensar?”, “o que é ter uma ideia?” na filosofia, nas ciências, nas artes, na literatura (Machado, 2010, pp. 12-13).

A filosofia, portanto, teria um papel criador de pensamento, tanto quanto as artes e as ciências, de forma que não haveria um privilégio da primeira sobre as outras. Por conseguinte, o que as diferencia, segundo Deleuze, seria o objeto de que se ocupam e o produto oriundo desse pensamento: no caso da filosofia, a criação ou produção de “conceitos”.

Conforme explica Machado (2010), os conceitos, para a filosofia deleuzeana,

são exatamente como sons, cores ou imagens, e isso faz com que a filosofia esteja em estado de aliança com os outros domínios. Um agregado sensível, uma função pode estimular a criação de conceitos na filosofia e, inversamente, um conceito pode estimular a criação nas outras disciplinas. Criar, em todos esses domínios, é sempre ter uma ideia. Pensar é ter uma nova ideia. Por outro lado, há especificidade dos saberes, no sentido em que cada um responde a suas próprias questões ou procura resolver por conta própria e com seus próprios meios problemas semelhantes aos colocados pelos outros saberes. Por isso, uma ideia filosófica é diferente de uma ideia científica ou artística (Machado, 2010, pp. 14-15).

Dessa forma, o pensamento filosófico não é meramente revelador de algo dado, preexistente de forma implícita ou velada, obtido por contemplação ou reflexão: é criador porque dá origem a conceitos novos, anteriormente inexistentes: “é preciso inventar, criar os conceitos, e nisso há tanta criação e invenção quanto na arte ou na ciência” (Deleuze, 1992, p. 45).

Deleuze (1992) ainda reforça: “os conceitos não são generalidades à moda da época. Ao contrário, são singularidades que reagem sobre os

fluxos de pensamento ordinários: pode-se muito bem pensar sem conceitos, mas desde que haja conceito há verdadeira filosofia” (p. 46).

Como vimos, a filosofia de Deleuze não só cria conceitos dentro desta disciplina, mas também se apropria de outros provenientes de campos diversos do saber, com os quais dialogam. Portanto, um conceito não existe de maneira isolada, mas inter-relacionado, de forma que Machado (2010) afirma, dentro da perspectiva do pensamento deleuzeano, que

um conceito é um todo fragmentado, uma totalidade fragmentária. Isto significa que, em vez de ser algo simples, o conceito é uma multiplicidade, uma articulação de elementos, de componentes, eles mesmos conceituais, distintos, heterogêneos, mas inseparáveis, intrinsecamente relacionados, agrupados em zonas de vizinhança ou de indiscernibilidade (Machado, 2010, p. 16).

Deleuze chama de devir de um conceito a forma como os elementos se coordenam dentro de um mesmo conceito, ou como conceitos diversos (e com diferentes histórias) se articulam dentro de um mesmo sistema conceitual. Nesse sentido, o devir se diferencia da história de um conceito, pois esta seria composta por vários dos seus “devires”: suas relações com conceitos anteriores ou componentes advindos de outros filósofos e domínios do saber.

Consequentemente, por imbricar no pensamento filosófico elementos não conceituais oriundos de campos exteriores à filosofia, Deleuze também os transforma em conceitos. Além disso, ao promover a convergência entre esses e os elaborados por múltiplos filósofos (dentre os quais o seu pensamento privilegia Espinoza, Nietzsche e Bergson), Deleuze elabora uma filosofia baseada num sistema de relações entre elementos heterogêneos, que coloca em comunicação conceitos passíveis de estabelecerem conexões dentro de um mesmo espaço conceitual, a partir do qual surgiria um novo pensamento.

O espaço onde ocorrem essas relações entre diferentes conceitos, um dos pontos angulares da filosofia deleuzeana, é o que o pensador francês chama “espaço ideal”. Segundo Machado (2010),

sua característica mais elementar é o fato de ela se propor mais como uma geografia do que propriamente como uma história. Se o pensamento pressupõe eixos e orientações pelos quais se desenvolve, isso põe a exigência de considerá-lo não como tendo uma história linear e progressiva, mas privilegiando a constituição de espaços, de tipos (Machado, 2010, pp. 22-23).

Este procedimento de extrair ideias de domínios diferentes e fazê-las ressoar num novo espaço conceitual é o que se chama, no pensamento de Deleuze, “colagem”. Segundo Machado (2010),

os conceitos – considerados como objetos de um encontro, como um aqui e agora, como coisas em estado livre e selvagem – são utilizados como instrumentos, como técnicas, como operadores, independentemente das inter-relações conceituais próprias do sistema a que pertencem (Machado, 2010, pp. 32-33).

Ao removê-los da sua rede originária, o pensador francês apropria-se dos conceitos (filosóficos ou não), eventualmente operando torções em graus variados, ou desconsiderando algumas consequências que estes implicam dentro das teorias em que foram concebidos, ou ainda os corrigindo a partir de outros conceitos. Dessa forma, Deleuze deixa a sua marca no pensamento filosófico, criando conceitos baseados na relação entre outros já existentes, seja nos seus vários estudos sobre filósofos, seja sobre outros domínios do pensamento, da arte e da ciência.

Deleuze (1992) complementa:

Há hoje, nas ciências ou em lógica, todo o princípio de uma teoria dos sistemas ditos abertos, fundados sobre as interações, e que repudiam somente as causalidades lineares e transformam a noção de tempo. [...] O que Guattari e eu chamamos de rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. [...] Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema é aberto quando

os conceitos são relacionados a circunstâncias, e não mais a essências (Deleuze, 1992, p. 45).

Vimos nesta explanação a importância da formulação de conceitos no interior da filosofia. Além disso, ao utilizar-se do procedimento de “colagem” para colocar em relação elementos e conceitos advindos de diversos pensadores e saberes, Deleuze cria uma geografia dentro de um espaço conceitual múltiplo, em que ideias se ramificam e se conectam de forma acêntrica, fazendo com que novas ideias nasçam e passem entre elas. Dessa forma, seu próprio pensamento, dentro do ramo da filosofia, já se estrutura sobre um fundamento rizomático.

Seguiremos, então, explicitando características e propriedades do rizoma.

### 3. Princípios e características do rizoma

Conforme discutimos anteriormente, o potencial de conectar um ponto a qualquer outro corresponde, segundo Deleuze e Guattari (1995), ao primeiro e segundo princípios do rizoma, a conexão e a heterogeneidade: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (p. 14). E complementam:

Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos [...]. Ao contrário, um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros (Deleuze & Guattari, 1995, p. 15).

O princípio seguinte é o da multiplicidade. Segundo os autores, quando o múltiplo adquire caráter de substantivo, rompe relações com a unidade, com as suas determinações enquanto sujeito ou objeto, com a dicotomia entre realidade natural e espiritual ou como imagem e mundo. Por conseguinte, as multiplicidades têm caráter rizomático: “Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas,

dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 15).

Nesse sentido, continuam os autores, a unidade, a totalidade e a determinação enquanto sujeito são processos que surgem em meio às multiplicidades, sendo estas a própria estrutura da realidade.

Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; a suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*. (Deleuze & Guattari, 1995, p. 8, grifos dos autores).

O rizoma, que tem como base a multiplicidade, expande-se por linhas abstratas, linhas de fuga ou de desterritorialização, as quais o fazem mudar de natureza conforme aumenta as suas conexões. A esse processo de crescimento das dimensões numa multiplicidade, os autores chamam “agenciamento”, necessário para entrecruzar as relações de estados de forças e regimes de signos: “as árvores da linguagem são sacudidas por germinações e rizomas. Por isso, as linhas de rizoma oscilam entre as linhas de árvore, que as segmentarizam e até as estratificam, e as linhas de fuga ou de ruptura que as arrastam” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 195).

Sendo as multiplicidades planas (pois ocupam todas as dimensões pelas quais se propagam), os agenciamentos ocorrem em um “plano de consistência” em constante expansão devido às conexões: “a consistência reúne concretamente os heterogêneos, os disparates enquanto tais: garante a consolidação dos conjuntos vagos, isto é, das multiplicidades do tipo rizoma” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 196). Portanto, é estranho a um rizoma ou multiplicidade qualquer forma de sobrecodificação, ou acréscimo de dimensões suple-

mentares, pois um rizoma é definido pelo número das suas linhas. Quando algo assim ocorre, dá-se o processo de individuação: “A noção de unidade aparece unicamente quando se produz numa multiplicidade uma tomada de poder pelo significante ou um processo correspondente de subjetivação” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 16).

O quarto princípio do rizoma é da ruptura a-significante, segundo o qual um rizoma pode ser quebrado em qualquer parte, criando séries heterogêneas que se desenvolvem segundo as suas linhas de fuga, mas também pode voltar a reconstituir-se a partir de outras das suas linhas:

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras (Deleuze & Guattari, 1995, p. 17).

Os autores prosseguem com o quinto e sexto princípios, o da cartografia e da decalcomania, segundo os quais um rizoma não deve ser baseado em nenhum modelo estrutural ou gerativo, como um eixo genético ou estrutura profunda que o codificaria ou determinaria na sua origem. Esses modelos dão origem ao que Deleuze e Guattari (1995) chamam “decalques”, formas pré-determinadas ou sobrecodificadas, reprodutíveis ao infinito.

O rizoma apresenta-se como oposto ao decalque: como vimos, o primeiro é composto por linhas passíveis de realizarem conexões múltiplas, acêntricas e equivalentes. Nesse sentido, os autores afirmam que o rizoma se associa à ideia de “mapa”<sup>1</sup>, o qual possui múltiplas entradas, enquanto o decalque se refere sempre à sua estrutura de origem.

---

1. Neste ponto, vemos o princípio rizomático da geografia do pensamento filosófico de Deleuze, que conecta múltiplas ideias e conceitos num plano de consistência, o qual foi chamado de “espaço ideal”, conforme discutimos anteriormente.

O que chamamos de um “mapa”, ou mesmo um “diagrama”, é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo [...]. Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. Por isso cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama. (Deleuze, 1992, p. 47).

Deleuze e Guattari (1995) complementam:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (Deleuze & Guattari, 1995, p. 21).

Porém, os autores afirmam que já há, dentro do mapa, os seus pontos de determinação e individualização, centros de significância e subjetivação, que podem se configurar como os seus próprios pontos de decalque. Por outro lado, a operação de se obter decalques a partir de um mapa ou rizoma jamais será simétrica à operação inversa de se projetar o decalque sobre o mapa. Um decalque é como uma foto ou instantâneo do mapa, incapaz de portar a mesma potência de conexões, conforme afirmam Deleuze e Guattari (1995):

O decalque já traduziu o mapa em imagem, já transformou o rizoma em raízes e radículas. Organizou, estabilizou, neutralizou as multiplicidades segundo eixos de significância e de subjetivação que são os seus. Ele gerou, estruturalizou o rizoma, e o decalque já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa (Deleuze & Guattari, 1995, p. 22).

É importante ressaltar que, apesar de parecer que haja uma dicotomia entre mapa e decalque, essa rutura não é irreversível, pois mesmo nos

pontos de entroncamento em que ocorrem individualizações (formações de “árvores” e “raízes”), estes podem novamente se religar e voltar a “brotar” em meio a um rizoma: “ainda que sem simetria, os caules de rizoma não param de surgir das árvores, as massas e os fluxos escapam constantemente, inventam conexões que saltam de árvore em árvore, e que desenraízam” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 195).

Nesse sentido, os decalques podem ser aberturas a novas conexões, mesmo que numa nova escala:

Se é verdade que o mapa ou o rizoma têm essencialmente entradas múltiplas, consideraremos que se pode entrar nelas pelo caminho dos decalques ou pela via das árvores-raízes, observando as precauções necessárias (renunciando-se também a um dualismo maniqueísta) (Deleuze & Guattari, 1995, p. 23).

Por fim, os autores explicam que um rizoma é feito de platôs (daí a origem do título da obra, *Mil platôs*). Segundo eles, um platô é “uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 32). Nesse sentido, um platô é uma multiplicidade que permite ao rizoma se formar e estender, ao passo em que também o conecta a outros níveis de intensidade.

Tendo visto os princípios que qualificam um rizoma, discutiremos a seguir alguns exemplos em que este conceito foi adotado para descrever e analisar fenômenos e produtos culturais e comunicacionais.

#### **4. O rizoma como metodologia de análise de processos culturais e produtos midiáticos**

No primeiro capítulo de *Mil platôs*, em que Deleuze e Guattari (1995) definem o rizoma, os autores citam exemplos deste conceito aplicado ao livro como objeto, cujo conteúdo tradicionalmente se

configura como decalque em níveis sucessivos (dele próprio, de obras anteriores do mesmo autor, assim como de outros livros quaisquer, conceitos e palavras já escritos ou que o serão futuramente) inserido numa rede de agenciamentos que se constitui como um rizoma. Além disso, aplicam o conceito também a casos situados nos campos da psicanálise e da linguística.

Porém, após enunciados os princípios de funcionamento de um rizoma, observamos que este conceito pode ser utilizado para descrever inúmeros outros fenômenos e situações de sistemas em que elementos diversos se articulam em um mesmo plano de consistência. Os autores deixam entrever o que pode ser um “roteiro” de aplicação do rizoma como metodologia:

Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com  $n$  dimensões, com direções rompidas. Conjuguar os fluxos desterritorializados. Seguir as plantas: começando por fixar os limites de uma primeira linha segundo círculos de convergência ao redor de singularidades sucessivas; depois, observando-se, no interior desta linha, novos círculos de convergência se estabelecem com novos pontos situados fora dos limites e em outras direções. Escrever, fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência [...] (Deleuze & Guattari, 1995, p. 19).

Veremos então três pesquisas dentro dos campos da comunicação e da cultura em que este conceito se aplica como metodologia de análise.

#### 4.1. O rizoma como princípio para a elaboração de mapas culturais

No seu artigo “A teoria barberiana da comunicação”, Lopes (2018) aborda o princípio cartográfico da teoria da comunicação de Jesús Martín-Barbero. Segundo a autora, este pesquisador desenvolve

uma “cartografia cognitiva” como estratégia teórico-metodológica a qual, mais do que representar histórica e geograficamente as relações do ser humano com o território, faz-se útil na elaboração de mapas culturais.

Martín-Barbero, continua Lopes (2018), elabora o que ele chamou “mapa noturno”, que se propõe a investigar os condicionantes estruturais e processos de subjetivação a partir das matrizes culturais populares e dos espaços sociais, trazendo os estudos da comunicação para o contexto da América Latina.

Nesse mapa, Martín-Barbero indaga a dominação, a produção e o trabalho do ponto de vista das brechas e do prazer, de modo a reconhecer a situação dos sujeitos e deslocar o local de onde se elaboram as perguntas, do centro para as periferias, utilizando-se do discurso da diversidade e da resistência.

Essa estratégia de pesquisa, que busca cartografar o conhecimento das práticas comunicacionais e culturais, segundo afirma Lopes (2018), está presente ao longo da obra de Martín-Barbero desde os seus primeiros estudos sobre a comunicação na América Latina,

em permanente processo de complexificação, o que torna cada vez mais difícil desentranhar dados os diferentes níveis de análise que entrelaça (filosófico, comunicacional, cultural, histórico etc.) e os inúmeros objetos que vai incluindo (telenovela, jovens, educação, cidade, políticas culturais, mídias, entre muitos outros). Essas considerações são feitas por movimentos de avanços e retomadas, de sistematizações parciais, sempre incompletas, ao modo de arquipélagos móveis, que reunidos, mostram o continente de uma teoria viva em estreito diálogo com as transformações do seu contexto que é a América Latina inserida no mundo (Lopes, 2018, p. 41).

Nesse ponto, a teoria barberiana já se mostra alinhada à ideia do mapa como rizoma, ao articular múltiplos elementos e fatos sociais, culturais e comunicacionais numa mesma rede de relações em constante expansão, conforme discutimos anterior-

mente, de acordo com Deleuze e Guattari (1995). Martín-Barbero também observa que as tecnologias da comunicação adquirem papel fundamental na organização da cultura à medida que têm função de mediação estrutural, e não apenas instrumental. Dessa forma, passa a cartografar diferentes formas de cultura que ocorrem em espaço diversos, valorizando o fluxo comunicacional acêntrico, à moda do rizoma.

Lopes (2018) identifica no método cartográfico barberiano uma epistemologia, cujas ferramentas e procedimentos são a “migração conceitual”, em que conceitos são deslocados de domínios diversos, ressignificados e ampliados; e a “construção de metáforas”, as quais permitem diversas interpretações e, portanto, são passíveis de estabelecer relações com os interlocutores. Somado a essas operações de “colagem” de conceitos dentro de novos espaços relacionais (típicos do pensamento filosófico deleuzeano, como vimos anteriormente), Lopes (2018) também afirma a respeito dos mapas teórico-metodológicos de Martín-Barbero:

o modelo do rizoma serve como orientação metodológica para um olhar cartográfico a ser aplicado sobre um campo, uma rede, uma teia de relações, sugerindo que a cartografia opere de modo rizomático, percorrendo os pontos, as linhas e a rede do rizoma, aplicando estratégias rizomáticas de análise e ação, percorrendo e desenhando trajetórias que também são de pesquisa-intervenção. A cartografia diz respeito a um *método estratégico-rizomático* (Lopes, 2018, p. 48, grifos da autora).

Definida esta metodologia, Martín-Barbero lança-se ao estudo das mediações, conceito esquivo que o próprio autor se recusou a definir por considerá-lo em permanente processo de desdobramento em meio à dinâmica das práticas culturais e comunicacionais. Contudo, em linhas gerais, esse autor afirma: “*Mediações* remete, então, mais ao traço que conecta em rede os pontos e linhas dispersos, distintos e distantes que tecem um mapa que a uma realidade que se constata ou a um conceito que se têm e se manipula” (Martín-Barbero, 2010 *apud* Lopes, 2018, p. 49). Vemos, portanto, que as media-

ções vão além dos aspectos tecnológicos, produtivos e organizacionais dos meios de comunicação: elas se referem, mesmo numa comunicação direta, a uma alteridade, a uma distância fundamental entre os sujeitos, na qual a mediação representa tanto essa separação como uma ponte.

Em seguida, Lopes (2018) destaca os princípios das mediações enquanto “conceito operatório”: além de representarem, no campo da comunicação, uma perspectiva mais ampla do que a abordagem apenas dos meios de comunicação e ser o princípio articulador de todo processo de comunicação, as mediações abarcam os processos de produção e os produtos a partir do ponto de vista da recepção. Além disso, as mediações, como vimos, não possuem uma definição única: referem-se mais ao espaço onde interagem produção e consumo, o sistema industrial e comercial dos media e a trama social e cultural.

Tendo em vista essas características, Martín-Barbero traça nas suas obras, ao longo de décadas, sucessivos mapas das mediações, em que articula as instâncias sociais, políticas e económicas a operar sobre o contexto cultural e comunicacional, atualizando-os conforme novas forças surgem e se tornam protagonistas nessas mediações. Como elemento central, todos eles apresentam as chamadas “mediações constituintes” ou “fundantes” numa relação triádica indissolúvel: cultura, comunicação e política, em sintonia com os temas principais abordados pelo pensamento barberiano.

Por outro lado, tal como no rizoma, as mediações na cartografia de Martín-Barbero não representam posições fixas, e sim, forças, relações, movimentos e processos que se entrecruzam em constante movimento de mutação, renovação e atualização. Conforme enfatiza Lopes (2018), são mapas móveis, nos quais “tudo aquilo que tem aparência de *o mesmo* não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma” (Lopes, 2018, p. 51). Como são baseados num método rizomático, esses mapas possuem múltiplas entradas e são tão diversos quanto os campos a serem cartografados, de forma que requerem estratégias singulares e flexíveis que acompanham as relações e movimentos que pretendem descrever. Daí a necessidade de Mar-

tín-Barbero de atualizar os seus mapas: ao invés de substituí-los, reinterpreta-os e a eles acrescenta, em relação dialética com uma realidade e um pensamento que crescem em complexidade. Segundo afirma Deleuze, um sistema rizomático aberto refere-se a “acontecimentos” e não a “essências”.

Lopes (2018) conclui sobre a metodologia de Martín-Barbero:

a análise cartográfica configura-se como instrumento para uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos. Não é método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa rígidos, mas sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias. Tal estratégia metodológica desenha não exatamente mapas no sentido tradicional do termo e sim diagramas, que se referem a lugares e movimentos marcados não por determinismos, mas por densidades, intensidades e expõem as linhas de força de um determinado espaço, que neste caso, é o campo da comunicação. *O diagrama é o mapa, a cartografia, coextensiva a todos os campos de conhecimento* (Lopes, 2018, p. 46, grifos da autora).

Veremos a seguir uma maneira como o conceito de rizoma pode ser empregado para propor caminhos de leitura múltiplos no meio hipertextual da *world wide web*.

## 4.2. O rizoma como estratégia de leitura hipertextual

Santis (2020), no artigo intitulado “Estratégias de leitura na *web*: entre o acúmulo e a dispersão”, discute as mudanças nas práticas de leitura e escrita por conta da expansão da internet e do seu modelo hipertextual de acesso às informações. A tal modelo, o autor também associa o conceito de rizoma, que prevê infinitos percursos de leitura. Contudo, argumenta que essa profusão de informações e formas de acessá-las e relacioná-las podem levar à frustração dos propósitos do leitor, caso não haja

uma estratégia satisfatória a direcionar esse processo. Por conseguinte, Santis (2020) alerta para duas situações em que o leitor pode se ver desorientado diante da busca de informações e dos resultados que esta lhe traz: o acúmulo, em que o leitor se vê saturado diante das inúmeras conexões; e a dispersão, na qual ele se encontra incapaz de estabelecer novas relações, ficando numa situação de imobilidade ou mera repetição. Entre esses polos e um ponto de equilíbrio entre eles, Santis (2020) defende a existência de três estratégias de leitura distintas.

Em seguida, Santis (2020) explicita algumas características do hipertexto na web e as suas relações com o conceito de rizoma e argumenta que a estrutura hipertextual teve grande impacto sobre a maneira como organizamos o conhecimento, modificando o paradigma anteriormente dominante de representá-lo como uma árvore, baseado num modelo estrutural ou gerativo, para um modelo de mapa, labirinto, rede ou rizoma. Particularmente este último, em relação à trama hipertextual, representa um sistema sempre inédito e em construção, uma vez que a interação utilizador-máquina promove uma multiplicidade móvel e inacabada de relações com uma capacidade constante de atualização de abstrações.

Esta atualização, por sua vez, não é simplesmente a realização de uma virtualidade: é um processo criativo, de geração de qualidades novas e transformação de ideias, e que retroalimenta o próprio virtual. Dessa forma, expande as possibilidades do mundo concreto, à medida que o faz englobar as potencialidades do virtual. Além disso, rompe também com a temporalidade cronológica, permitindo ao hipertexto escapar das regulações tradicionais e a cada página da web tornar-se um dispositivo ou nó do rizoma potencialmente conectado a inúmeros outros. A leitura hipertextual ocorre, portanto, de forma não linear e não totalizante, conformada e atualizada pelo percurso singular de leitura/reescrita do leitor.

Por outro lado, Santis (2020) discute que a capacidade de processamento de informações simultâneas do computador excede a da percepção humana, de forma que esta última, ao operar numa estrutura rizomática complexa como a da web, mostra-se comumente limitada por fatores como tempo e

memória. Nesse ponto, desenvolveram-se as chamadas *inteligência artificial* e a *aprendizagem de máquina*, rotinas programadas nos computadores (os algoritmos) as quais, ao serem alimentadas com grandes volumes de dados, tornam as máquinas capazes de identificar padrões, realizar planeamentos e compreender linguagens, e, com isso, aprendem, sem serem explicitamente programadas, e se aproximam do raciocínio humano. Porém, argumenta o autor, os rizomas digitais ainda assim sempre estarão submetidos e obedecerão a regras previamente programadas segundo a lógica computacional. Sendo assim, se no plano das virtualidades os rizomas digitais não são classificáveis, no seu processo de atualização eles são limitados (sobrecodificados) por regras e restrições.

Após caracterizar o conceito de rizoma aplicado à *web*, Santis (2020), enfim, adota como referencial as categorias metafóricas de leitores descritas no livro *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*, de Manguel (2013), associando-as às estratégias de leitura hipertextual. Tais categorias oscilam entre o acúmulo e a dispersão na coleta de informações, sendo a “traça” o leitor acumulador, que tende a um consumo descontrolado e a uma hiperconexão que extrapolam a sua capacidade de apreensão, levando à saturação e conseqüente descarte dessas múltiplas camadas de significação produzidas. A “torre”, em contrapartida, representa o esvaziamento de significados produzidos, devido à incapacidade do leitor de produzir as suas próprias conexões, ocasionando a dispersão e a repetição de escolhas que os algoritmos fazem em lugar dele próprio (as recomendações e anúncios automáticos baseados nos gostos manifestos *online* pelos indivíduos são, segundo o autor, a materialização extrema dessa condição, como decalques levados ao extremo). E, por fim, o “viajante” seria o leitor que possui a estratégia mais equilibrada entre esses: ainda que igualmente submetido às imposições tecnológicas sobre as quais não tem total controle, possui os seus caminhos de navegação traçados, e quando se desvia deles, pode acabar “à deriva”, sem retomar o seu rumo, ou encontrar novas e insuspeitas rotas.

Finalmente, Santis (2020) reforça que, apesar de estar submetido a sobredeterminações pelos algoritmos, o leitor na *web* deve conseguir elaborar

as suas próprias estratégias de leitura, evitando tanto a acumulação, quanto a dispersão, que o levam respectivamente à saturação e à paralisia. A inobservância dessas estratégias pode levá-lo a reproduzir comportamentos que atendem aos interesses de massificação e uniformização dos gostos por parte de quem detém o controle dos algoritmos, buscando controlar e interferir na atualização dos rizomas digitais.

Discutiremos a seguir uma última pesquisa em que a técnica da cartografia é utilizada para a coleta de dados sobre a circulação mediática de um acontecimento, cujos resultados são utilizados para a elaboração de um mapa rizomático do fato, dos media e sujeitos que o repercutem e dos sentidos que mobilizam.

### 4.3. O rizoma como metodologia de mapeamento mediático e social de acontecimentos

Em “A circulação da ‘fala de Jair Bolsonaro’: o mapa rizomático de um acontecimento na sociedade em midiatização”, Frigo (2019) busca mapear a repercussão da fala do então deputado federal durante a sessão no Congresso Nacional brasileiro, ocorrida em 17 de abril de 2016, em que foi votada e aprovada a abertura do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

A investigadora adota o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995) como metodologia para traçar as múltiplas conexões mediáticas engendradas a partir desse acontecimento inicial, em que o deputado evocou justificativas associadas à ditadura civil-militar brasileira (1964-85) para dar o seu voto favorável à abertura do processo. Dessa forma, tal acontecimento colocou em circulação sentidos reveladores de um passado, que se ramificam no contexto presente e abrem possibilidades de futuros. Além disso, no ecossistema mediático atual, em que os media digitais adquirem destacada relevância na circulação de informações, tanto produtores quanto recetores podem coabitar um mesmo patamar na construção de discursos e na narrativa dos acontecimentos. A autora enfatiza: “Compreendermos que a construção de um mapa rizomático aproxima-se da

processualidade comunicacional da circulação na sociedade midiaticizada” (Frigo, 2019, p. 5), em que os recetores promovem um fluxo adiante das reações ao que recebe, particularmente por intermédio das redes sociais.

Reforçando que “o rizoma é um processo em construção, sendo o mapa rizomático algo inicial” (Frigo, 2019, p. 3), a investigadora apropria-se das técnicas metodológicas da cartografia, segundo Kastrup (2007), a fim de proceder à coleta de dados para a pesquisa e desenho inicial de um rizoma. A primeira etapa dessa metodologia, denominada “rastreo”, refere-se a uma varredura do campo a ser estudado, em busca de um alvo ou meta. Frigo (2019) adota o processo de impeachment como campo e utiliza como recortes a votação na Câmara dos Deputados e as suas repercussões nos media impressos e *online*.

Ao detetar nas redes sociais, em particular no Facebook, uma fonte mais prolífica de dados a partir de comentários e postagens sobre a fala do deputado, a autora passa à segunda fase da pesquisa, uma etapa inicial na seleção de objetos, denominada “toque”. Esta refere-se a uma deteção de que algo se destaca e atrai a atenção em meio a esse campo mais amplo de busca, no caso, as reações dos recetores (positivas ou negativas) ao acontecimento.

A terceira fase, denominada “pouso”, é o momento em que a pesquisa se fecha sobre um determinado recorte. Frigo (2019) aproxima a sua atenção dos portais de notícias e da página oficial do deputado, e em seguida passa à quarta fase da investigação, o “reconhecimento atento”. Neste momento, a investigadora deteta uma disputa de sentidos entre os portais *online*, que em primeiro momento apenas noticiaram a fala do deputado como uma entre as dos demais, ignorando a sua menção elogiosa à tortura e a seus perpetradores durante a ditadura; e as redes sociais que, mesmo apresentando opiniões diversas dos recetores, entre críticos e apoiadores do deputado, repercutiram a referência à violência do regime militar. Uma nova problematização foi iniciada pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) com um pedido de cassação do deputado por conta do teor da sua fala, impelindo o acontecimento a circular em novas direções.

Frigo (2019) destaca, como conclusão à coleta de dados, a receção dos utilizadores das redes sociais como operadora de sentidos em meio à produção nos portais de notícias, para enfim elaborar o mapa rizomático da circulação da fala. A pesquisadora reforça que um rizoma não deve ter início e nem fim; contudo, elege o acontecimento durante a sessão na Câmara dos Deputados como platô inicial, uma vez que este deflagra a posterior circulação de informações e sentidos e as repercussões nos diversos media.

O mapa resultante, portanto, articula os seguintes elementos, colocando-os em fluxo através de múltiplas conexões e linhas de fuga: a “fala de Jair Bolsonaro”, ocorrida durante a votação na Câmara dos Deputados, a qual remete a questões referentes à tortura durante a ditadura militar; os argumentos dos demais deputados e o placar da votação, que também envolvem o acontecimento; a repercussão nos portais digitais, que se calaram sobre as menções à tortura e à ditadura; a manifestação da OAB sobre as violações aos direitos humanos contidas na fala, o que levou os portais a um segundo momento em que tiveram que explicitar o tema; as repercussões nas redes sociais, em particular o Facebook, em que os recetores reagiram fortemente ao discurso do deputado, seja apoiando, seja criticando, o que por sua vez também avivou as memórias da ditadura militar.

Frigo (2019) ressalta que, nesse cenário atual da mediatização, mesmo os portais tendo grande visibilidade, não foram determinantes para a circulação da fala, tornando-se coadjuvantes diante da participação dos recetores nas redes sociais. Dessa forma, na atualidade, os contactos entre produtores de notícias e recetores “são constantemente tensionados, permitindo que novas formas ou raízes axiais multipliquem-se a partir da sua própria extensão” (Frigo, 2019, p. 6).

A autora destaca que a complexidade dos processos comunicacionais e mediáticos dá origem a um mapa rizomático que não é um produto acabado, mas um processo em constante desenvolvimento, produzindo novas tramas conforme as simbolizações e os sentidos dos acontecimentos, a exemplo da “fala de Jair Bolsonaro”, circulam:

O mundo é complexo, a pesquisa é complexa, portanto, não devemos nos limitar às polarizações quando na realidade temos inúmeras linhas de fuga ou de segmentaridade para olharmos e analisarmos, diversos platôs que vibram incessantemente, às vezes ofuscando outros, criando e reorganizando novos agenciamentos (Frigo, 2019, p. 16).

## Conclusão

O conceito do rizoma, conforme definido por Deleuze e Guattari (1995), e as suas aplicações no ramo da comunicação e cultura foram o tema deste artigo. Sua principal característica é a capacidade de se ramificar e expandir e, por ser um sistema aberto, pode-se conectar a ele por qualquer ponto, pois os seus segmentos são equivalentes e capazes de conectar-se a qualquer outro. Por conseguinte, o rizoma é capaz de articular os mais diversos elementos e conceitos numa rede de relações, de onde podem surgir novas ideias a partir dessas interações.

Uma vez que nos propusemos a discutir este conceito, mostrou-se relevante expor a importância da formulação de conceitos dentro do pensamento filosófico de Deleuze. Para este filósofo, o pensamento é a matéria básica de diversos domínios, como a filosofia, as ciências e as artes. Porém, segundo ele, a criação de conceitos é a tarefa específica da filosofia. Nesse sentido, há tanta criação neste ramo do saber quanto em qualquer outro.

Porém, Deleuze apropria-se de ideias e conceitos das mais variadas origens, como de outros filósofos, mas também das ciências e das artes, para relacioná-los, através do que ele chama “colagem”, numa nova rede, uma geografia constituída num “espaço ideal” do pensamento, de onde surgem ideias através de outras já existentes. Assim, observamos que, ao conectar conceitos num espaço relacional acêntrico, a ideia de rizoma já se encontra no fundamento da filosofia deleuzeana.

Discutimos, em seguida, os outros princípios do rizoma: a *multiplicidade*, a qual, por se fundar em grandezas e intensidades, permite ao rizoma se propagar e estabelecer conexões em todas as dimensões do seu plano de consistência; a *rutura a-significante*, segundo a qual o rizoma pode ser

partido em qualquer ponto e gerar séries heterogêneas, mas equivalentes, podendo ainda voltarem a se reconectar. Por fim, a *cartografia* e a *decalcomania*, sendo que o primeiro relaciona o rizoma à ideia de um mapa com múltiplas entradas, linhas e fluxos móveis, e o segundo, aos processos que criam decalques individualizados e reproduzíveis desse mapa.

A seguir, abordamos alguns exemplos de aplicação do rizoma como metodologia de análise. Discutimos, segundo Lopes (2018), os mapas das mediações de Jesús Martín-Barbero, os quais, baseados no princípio da cartografia, articulam comunicação, cultura, política, meios produtivos e sociedade, as suas movimentações e mutações dentro do contexto latino-americano, tendo as mediações comunicacionais como elementos que os unem e fazem as passagens entre eles.

Vimos também como o rizoma pode fornecer estratégias de leitura num meio hipertextual como a *world wide web*, cujo acesso a múltiplas informações pode gerar infinitos caminhos de leitura. Por conta disso, os utilizadores podem incorrer em situações frustrantes por conta do excesso de informações, que os levam à saturação diante de tantas conexões, ou ainda, à dispersão, ficando incapazes de organizá-las e relacioná-las de forma produtiva e caindo apenas numa mera repetição. Santis (2020) propõe então formas de organização dessas informações em meio aos rizomas digitais, equilibrando-se entre esses dois polos.

Discutimos ainda como o conceito de rizoma se mostra apropriado para a elaboração de mapas para traçar a circulação mediática de acontecimentos (no caso, um acontecimento político) e a complexidade das suas relações. Frigo (2019) adota também a técnica metodológica da cartografia para a coleta de dados sobre as produções de notícias nos portais *online*, assim como as reações dos recetores nas redes sociais. Disso resulta um mapa rizomático que coloca em relação o acontecimento com o contexto em que ocorre, as suas repercussões e sentidos trazidos à tona entre os meios de comunicação e os sujeitos recetores.

Finalmente, vale ressaltar que este artigo teve um caráter introdutório e não exaustivo, isto é, não tivemos a pretensão de esgotar toda a profundidade do conceito de rizoma, mas sim, de discutir de maneira panorâmica os seus princípios e carac-

terísticas e demonstrar, por meio dos exemplos selecionados, como o rizoma pode ser aplicado como metodologia para a análise de processos culturais e produtos midiáticos. Objetivamos, assim, fornecer subsídios para investigadores dos media, comunicação e cultura que queiram tomar conhecimento deste conceito e considerá-lo como possível caminho para abordagens dos seus objetos de estudo dentro dessas disciplinas.

## Referências bibliográficas

- [1] Deleuze, G. (1992). *Conversações: 1972-1990*. Editora 34.
- [2] Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Editora 34.
- [3] Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 5). Editora 34.
- [4] Frigo, D. (2019, Setembro). A circulação da “fala de Jair Bolsonaro”: O mapa rizomático de um acontecimento na sociedade em vias de midiaticização. *Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiaticização e Processos Sociais*, 1(2), 1-7. <https://bit.ly/3Qqi7Og>
- [5] Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência* [Kindle]. Aleph. [https://www.amazon.com.br/Cultura-Converg%C3%AAncia-Henry-Jenkins-ebook/dp/B018IJSI4Y/ref=tmm\\_kin\\_swatch\\_0?\\_encoding=UTF8&qid=1673159812&sr=8-1](https://www.amazon.com.br/Cultura-Converg%C3%AAncia-Henry-Jenkins-ebook/dp/B018IJSI4Y/ref=tmm_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=1673159812&sr=8-1)
- [6] Kastrup, V. (2007, Abril). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 15-22. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/8rWQrJSBTg7w8zTV47svGTq/?format=pdf&lang=pt>
- [7] Lopes, M. I. V. (2018). A teoria barberiana da comunicação. *MATRIZES*, 12(1), 39-63. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>
- [8] Machado, R. (2010). *Deleuze, a arte e a filosofia* [Kindle]. Jorge Zahar. [https://www.amazon.com.br/Deleuze-filosofia-Est%C3%A9ticas-Roberto-Machado-ebook/dp/B008O46PP8/ref=tmm\\_kin\\_swatch\\_0?\\_encoding=UTF8&qid=1677360156&sr=1-42](https://www.amazon.com.br/Deleuze-filosofia-Est%C3%A9ticas-Roberto-Machado-ebook/dp/B008O46PP8/ref=tmm_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=1677360156&sr=1-42)
- [9] Manguel, A. (2013). *O leitor como metáfora: O viajante, a torre e a traça*. Edições SESC.
- [10] Martín-barbero, J. (2010). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Anthropos.
- [11] Santis, R. (2020, Julho). Estratégias de leitura na web: Entre o acúmulo e a dispersão. *Texto Digital*, 16(1), 141-156. <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2020v16n1p141>

## Bio

João Paulo de Carvalho dos Reis e Cunha é licenciado em Cinema pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Sorocaba (Uniso), com pós-graduação em Design Gráfico pelo Centro Universitário Senac. Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso, onde também é integrante do Grupo de Pesquisa em Imagens Midiáticas. Integrante do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC), na Universidade do Algarve (UAIG), onde faz doutorado sanduíche promovido pela CAPES, com orientação da professora Mirian Tavares.

## Como citar e licença

Cunha, J. P. C. R. (2023). Média-Arte Digital – Ampliando Conceitos. *ROTURA – Revista de Comunicação, Cultura e Artes*, 3(1), 118–131. <https://doi.org/10.34623/hf0h-3b56>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.